

04 MAR 1978

Sarney acha que o diálogo pode prescindir do MDB

Da sucursal de
BRASILIA

O vice-líder do governo, senador José Sarney, excluiu a possibilidade de qualquer impasse institucional caso o MDB recuse seu apoio às reformas que vêm sendo objeto de estudos por parte do governo. Sarney afirmou que "apesar do pessimismo de alguns setores da oposição, a Arena entende que as diretrizes presidenciais são inalteráveis e, pelo voto da maioria absoluta, dará prosseguimento ao roteiro de constitucionalização do País aprovando aquelas reformas".

Para o senador maranhense, somente os radicais podem negar ao presidente, que foi duramente criticado por ocasião do "pacote de abril", o direito de se defender e fixar sua posição através de um "documento adequado", a mensagem ao Congresso. "Não vejo qualquer motivo para pessimismo — disse Sarney. Trata-se de documento histórico em que foram feitas co-

locações pertinentes. Se há sinceridade dos que agora exigem um comportamento democrático, devem ter, por coerência, uma atitude de respeito diante do pensamento dos outros."

José Sarney considerou a retirada dos "autênticos" do plenário, durante a leitura da mensagem presidencial, uma atitude de deseducação política. E acrescentou que a mensagem representa uma evidência da personalidade marcante de Geisel, que em momento algum deixou de assumir as responsabilidades por suas decisões.

Sarney recusou-se a analisar as consequências da eleição do deputado Tancredo Neves para a liderança do MDB na Câmara para os entendimentos entre os dois partidos visando a obtenção do consenso nas reformas, mas reconheceu que "o MDB tem a comandá-lo, agora, alguém com longa experiência política, que certamente se coloca-

rá a serviço de seus companheiros".

LEHMANN

O senador Cyrillo Lehmann, da Arena paulista, sugeriu ontem a definição do projeto de reformas institucionais dentro de um modelo capaz de equilibrar as aspirações sociais com as necessidades do Estado. O vice-líder arenista destacou, porém, que a abertura não depende somente dos esforços do governo e, por isso, no seu entender, é necessária a participação de todos.

Lehmann notou que naturalmente a abertura está condicionada ao desejo do governo, que deve ser complementado com a adesão dos políticos, dos empresários, dos estudantes, dos intelectuais, religiosos, operários e, "enfim, de todos os homens da cidade e do campo: há de ser um movimento nacional, que consiga representar a média das opiniões, necessidades e aspirações, aí prevalecendo o bom senso, sem exageros e sem timidez".